REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 810

30 DE JUNHO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Como estava annunciado, partiu effectivamente para as ilhas a divisão naval portugueza, composta dos cruzadores *D. Carlos, D. Amelia* e *S. Gabriel*, levando a bordo do navio chefe o sr. D. Carlos e Rainha sr.ª D. Amelia.

EMBARQUE DE SUAS MAGESTADES NO ARSENAL DE MARINHA

No dia 20, ás duas horas da tarde, embarcaram suas magestades no arsenal de marinha e, pouco depois, entre as salvas de artilharia e os vivas da marinhagem, as náos punham-se em marcha vagarosa, caminho da barra.

Um dia lindo, o primeiro de verdadeiro calor; mas o Tejo estava maravilhoso pela mansidão e refulgencia das aguas.

Continuamente chegam telegrammas descrevendo a viagem, cujo programma tem sido até agora fielmente cumprido. O telegrapho trabalha sem cessar, transmittindo longos telegrammas officiaes e muito maior correspondencia para os mais lidos jornaes de Lisboa.

As festas na Madeira foram, segundo essas noticias, deslumbrantes. O que não estava no programma, nem podia facilmente ser calculado, foi o enthusiasmo da população, acclamando os soberanos portuguezes. Succederam-se, sempre entre os mais alegres vivas, os bailes, excursões, almoços, fogos d'artificio.

Os visitantes andaram n'um constante encantamento, percorrendo os mais pittorescos sitios dos arredores do Funchal, usando dos meios de transporte vulgares na ilha, trepando á Senhora do Monte e descendo á desfilada pela calçada a pique, dentro dos cestos, empurrados por homens praticos n'aquelle systema de locomoção, unico no mundo.

A sahida da Ilha da Madeira, caminho da pequenina Ilha de Santa Maria realisou-se no dia 25 á tarde.

O programma continua a ser fielmente cumprido e não diminue o enthusiasmo da população, conforme os telegrammas que nos chegam da Horta, primeiro ponto dos Açores visitado pela familia real, depois da pequenina paragem em frente de Santa Maria, onde os soberanos, sem desembarcarem, foram cumprimentados pelas auctoridades.

O Fayal, a Terceira e S. Miguel são as trez ilhas em que se realisam festejos e differentes passeios aos pontos mais notaveis e pittorescos. Na Graciosa a demora é de pouco tempo. No Fayal visitarão a celebre caldeira, na Terceira as freguezias de Oeste, em S. Miguel as Furnas e as Sete Cidades, uma das mais extraordinarias maravilhas da natureza, paizagem fantastica, de que falam encantados quantos a viram.

N'essa ilha terminará a viagem, devendo a divisão naval estar de volta no Tejo no dia 14 de julho ás 10 horas da manhã.

Guarda a Ilha Terceira muitas memorias da historia tragica portugueza. Foi a primeira terra de Portugal que teve noticia do descobrimento do caminho da India; mas viu fallecer Paulo da Gama; n'ella se acolheu D. Antonio, Prior do Crato; nas suas prisões gemeu o infeliz Affonso VI, despojado da coróa e da mulher por seu irmão D. Pedro; nas suas costas e praias se feriram as primeiras luctas pela liberdade e em Angra se reuniu o exercito ás ordens de D. Pedro IV, que veio depois desembarcar nas praias do Mindello.

Indica-nos hoje o telegrapho, hora a hora, como nas ilhas vão decorrendo os festejos, como um programma de ante-mão elaborado se vai, hora a hora, cumprindo. Como tudo é hoje facil e como nos enchemos de nós mesmos ao pensarmos com que difficuldades arrostaram os primeiros navegadores que andaram por aquellas paragens em busca d'um pouco de gloria!

Diante do vapor e dos helices que levam os navios pelo oceano a vinte e tantas milhas por hora, escondeu-se de vez em qualquer gruta ignorada, roendo com desespero as unhas, o famigerado Adamastor que tão negros casos contou futuros. Nem talvez em Thetis já pense, que Neptuno sem tridente mudou de vida e deve de ter levado a mulher comsigo para onde ninguem os veja envergonhados.

Mas que tragedias se não deram antes que, com todo o descanço d'agora, se pudesse pelo oceano andar de programma feito, coisa tão facil como não era d'antes o atravessar até Aldeia Gallega! Quantas vidas não foi preciso sacrificar, quantas noites se passaram, que pareciam não ter fim, na solução dos mais arduos problemas, para que finalmente se calasse a bocca do Gigante do Cabo a trovejar agoiros!

Falou de tragedias que se haviam de dar, falou da tragedia que com elle se havia dado, drama d'amor, de que soffria o castigo, que lhe arrancava os urros e o fazia tão cruel para os outros.

A fabula está toda assim cheia de tragedias horrorosas, de que tanto fizeram uso para seu thea-

A GALEOTA REAL CONDUZINDO SUAS MAGESTADES PARA BORDO DO «D. CARLOS»

tro os famosos gregos, Eschylo, Sophocles, Euripides.

E entretanto, mais que o Adamastor mais do que Prometheu e Oedipo, qualquer tragedia d'essas que vulgarmente se dão e em que estão em jogo as paixões humanas dos nossos dia, teem o condão de nos despertar mais facilmente a commoção.

Foi assim que um dia d'estes a cidade toda se commoveu profundamente ao ter noticia da morte de Adolpho Greno assassinado a tiro de revolver por sua propria mulher, D. Josepha Greno, tão conhecida entre todos os que frequentam exposições de bellas artes pelos seus primorosos quadros de flôres.

Tinham por amor casado ha muitos annos, julgava-os felizes quem de perto os não conhecia. Atribue-se o crime a loucura da mulher, que, ha muito, com ciumes atormentava o marido, já tendo ha mezes, disparado sobre elle um tiro de revolver.

E elle perdoára, e tão tranquillo vivia agora que, quando novamente ella desfechou sobre elle, uma d'estas madrugadas, quatro tiros d'outro revolver que comprára, o pobre Greno, dormia socegado, refazendo forças para mais um dia de trabalho.

Julgam-a doida e assim deve estar, nem é facil por outra forma explicar o sangue frio que mostrou nos primeiros instantes que decorreram depois do assassinato, não querendo sahir de casa sem primeiro ter almoçado placidamente.

Adolpho Greno, que nunca pela pintura conseguira alcançar nome illustre, dedicava-se ultimamente á restauração de quadros velhos. Maior nomeada tinha entre os artistas a Sr.ª D. Josepha Greno, sua esposa assassina.

Tragico fim d'um casal de artistas!

E ainda ha quem sonhe escrever tragedias, quando o que ha de mais real na vida tanta vez desbanca as mais avigoradas fantasias! O contraste dos finaes dramaticos com a vida corriqueira, em que andam as personagens aos olhos dos indifferentes, produz a commoção que o talento mais provado, não pode nunca obter pela preparação das scenas.

Maior curiosidade nos sequiosos de pormenores desperta agora em tempos calmos o drama da vida real, quando o verão, que está comnosco, poz fóra dos palcos os lances sanguinolentos.

Apenas na opera-lyrica os podemos agora encontrar; mas esses teem aos auctores, em vez de vituperios, atrahido os maiores applausos.

Com intervallo de poucos dias ser-nos-ha dado ter ouvido — caso raro! — duas operas portuguezas, *A Serrana* de Alfredo Keil, e a *D. Mecia* de Oscar da Silva.

O nosso applauso, sem reservas, ao empresario Santos Junior.

A Serrana, já conhecida dos assignantes de S. Carlos, representou-se perante uma casa cheia, na noite de quinta feira, obtendo o maior dos exitos e sendo Alfredo Keil, muitas vezes, chamado ao palco no decorrer da opera, no meio de applausos unanimes.

A *D. Mecia* será cantada no dia 5 de julho, havendo o maior empenho de se ouvir a primeira obra theatral de Oscar da Silva, já tão conhecido por algumas composições ligeiras e pela sua virtuosidade de pianista.

Foram os auctores dos librettos, Lopes de Mendonça e Julio Dantas, escolher seus assumptos nos costumes portuguezes e na historia lendaria da Edade Media em Portugal. Mais um motivo de jubilo para nós, mais um passo que se deu no bom caminho.

Na *Serrana*, principalmente no primeiro acto, assistimos a algumas scenas caracteristicas, que, n'este bello mez que vamos atravessando, nos recordaram o campo, a aldeia, os lindos e commovedores arraiaes e procissões da provincia.

Ainda ha pouco, foi em Thomar a festa dos taboleiros, que todos os annos atrahe á formosissima cidade enorme concorrencia; d'aqui a tempos são em Vianna as festas da Senhora da Agonia; não tarda o tempo dos cyrios por todas essas pittorescas terras do Sul do Tejo: musica, foguetes, descantes, faluas embandeiradas, correndo rio acima.

E o sol tomando parte na festa e só nós, habitantes de Lisboa, a queixarmo-nos d'elle!... Sempre somos muito má-lingua!

João da Camara.

Cartas da Viagem de Suas Magestades aos Açores

E'-me difficil cumprir a minha promessa no meio da lufa-lufa em que temos andado todos, desde que aportámos a esta ilha maravilhosa, decantada pelos poetas, realidade acima de toda a discripção possivel.

Pela primeira vez a avistei agora e sei que nunca mais esquecerei o deslumbramento dos meus olhos perante aquelle panorama. Chamam-lhe perola dos mares, mas não ha comparações que digam tamanha formosura.

Chegámos a Porto Santo ás nove horas da manhã de sabbado, 22, depois d'uma viagem magnifica, sem que eu houvesse sentido o mais ligeiro incommodo e não tendo portanto occasião de experimentar o tal remedio pelo meu amigo preconisado como infallivel. Um mar de rosas!

Contou-me um meu companheiro de bordo, madeirense, optimo cavaqueador, espirito muito illustrado, que em Porto Santo os homens eram pouco dados ao trabalho, recusando-se a elle porque todos eram Zarcos, isto é, descendentes do famoso descobridor e portanto, como fidalgos, renitentes á enxada e aos recados. Não sei o que ha de verdade n'esta affirmação. Sei apenas que nas ovações não se mostraram elles indolentes, porque de todos os barcos que cercavam os cruzadores, durante a curta paragem, os vivas eram ininterruptos e calorosos.

Aqui embarcou o governador civil, sr. José Ribeiro da Cunha, que em Porto Santo aguardava a chegada de suas magestades.

Partimos. E pouco depois, avistavamos a Ilha da Madeira e, dobrados os differentes cabos que avançam pelo mar, sem quasi havermos tempo de tomar nota das respostas a todas as perguntas que nos accudiam aos labios, démos entrada no porto do Funchal ás duas horas da tarde.

Nada mais lhe direi da belleza d'esta ilha, tantas vezes descripta. Contentar-me-hei com recapitular umas notas tomadas muito á pressa, que possam dar-lhe uma tenuissima ideia do enthusiasmo d'este povo sympathico, das ovações delirantes, dos festejos com que foram recebidas as pessoas reaes.

A rainha, sr.ª D. Amelia, mostrou-se commovidissima.

Seguiram suas magestades debaixo de pallio até á Sé, acompanhadas pela sua comitiva, auctoridades civis e militares, bispo do Funchal, deão, corpo consular, etc.

As acclamações eram sem cessar.

A recita de gala no theatro D. Maria Pia foi um encanto, quer pela escolha dos differentes numeros, quer pela forma altamente artistica da sua execução. Seja-nos licito citar, com o nosso mais enthusiastico applauso ainda uma vez, o nome da sr.ª D. Mathilde Souvayre da Camara, uma extraordinaria artista!

No dia seguinte, as festas ainda mais se animaram. De todos os pontos da ilha vão chegando numerosos forasteiros, que abarrotam todos os hoteis, hospedarias e estalagens improvisadas. Quando suas magestades se dirigiam para os paços do concelho nos famigerados, classicos carros de bois, a ovação do povo foi delirante. Quando a sr.ª D. Amelia voltava para o paço, os estudantes enthusiasmados empurraram o carro pela calçada, entre vivas e acclamações.

E o delirio foi sempre crescendo.

A' tarde, na Senhora do Monte, repetiram-se as ovações.

Deixe-me abrir aqui um parenthesis para mais uma vez dizer o encanto que a natureza despertou em mim n'esta ilha previlegiada. A Senhora do Monte é o que de mais bello hei visto no mundo! Que vegetação! Que ponto de vista maravilhoso! Que mar! Que céo! Que paraizo é este!

O regresso fizeram-o suas magestades nas celebres cadeiras de verga. Empurradas pelos mais habeis pilotos — chamamos-lhes assim — em poucos minutos correram os seis kilometros, que os separavam da cidade.

As illuminações e a retraite militar despertaram a mais viva admiração.

Deitámo-nos estafado, depois d'um longo passeio nocturno com um collega, jornalista do Funchal, que teve a amabilidade de me acompanhar aos pontos, d'onde a cidade illuminada e a bahia mais pittorescamente nos appareciam.

E no dia seguinte, toca a levantar cedo para ver uns monumentos historicos, antes da missa campal, dita pelo Bispo e a que assistiram umas novecentas praças.

O almoço n'esse dia foi servido na quinta do sr. Blandy, subdito inglez, denominada do Palheiro. Os convidados eram em numero de quinhentos. El-rei depois de inaugurar a exposição e ter visitado o quartel de artilharia, voltou ao palacio, onde outra vez o povo o victoriou com tal enthusiasmo, que, assomando á janella, o sr. D. Carlos gritou: — «Viva a Ilha da Madeira!

O delirio foi enorme!

Com o baile na Quinta Vigia, hontem á noite realisado terminaram as festas, que tão gratas memorias nos deixaram e que a suas majestades devem ficar na lembrança para sempre.

A opulenta propriedade dos Condes de Torre Bella estava magnificamente illuminada e decorada com profusão de flores. Discripções eguaes só a poderemos ver nos Contos das Mil e uma Noites.

Suas Magestades partiram, ha pouco, para a quinta da Choupana, propriedade do sr. Visconde de Cacongo, aonde não pude acompanhal-os, tendo que fazer as minhas despedidas a alguns collegas e velhos amigos que não via desde a escola.

A' pressa, emquanto o meu companheiro de quarto não acaba de afivelar as malas, que vamos mandar para bordo, rabisco estas notas e impressões que tão pouco dizem.

N'este mesmo instante escuto novamente o povo em delirantes vivas. E' El-rei que volta ao paço.

O caes está apinhado de gente.

A's cinco horas da tarde devemos partir para a ilha de Santa Maria. Dos Açores lhe escreverei um pouco mais demoradamente, se Deus o permittir.

E' natural que o mesmo enthusiasmo acolha em todas as ilhas os monarchas portuguezes; as festas hão de continuar; mas as saudades que levo d'este cantinho de terra, que os nossos avós descobriram tão felizmente no grande mar azul, as lembranças, que quando d'estes bellos dias tão curtos, serão eternas, luminosas, immarcesciveis.

Funchal, 25 de junho de 1901.

M. C.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

O vasto archipelago que se ergue a meio do Oceano, entre a Europa e a America compõe-se de tres grupos differentes: a oriente, Santa Maria e S. Miguel; ao centro Terceira, S. Jorge, Graciosa, Pico e Fayal; ao occidente, Flores e Corvo.

Foi o celebre navegador portuguez, Gonçalo Velho Cabral, depois de haver descido até muito ao sul pela costa africana e n'esses mares haver conquistado fama de marinheiro, quem primeiro aproou suas caravelas com rumo para leste, descobrindo a ilha de Santa Maria em 1432.

Com demora de alguns annos foram todas as ilhas do grande archipelago descobertas pouco a pouco, dizendo uma lenda que no *Corvo* se achára uma estatua apontando ainda para leste, como avisando da existencia do grande continente a que, annos depois, havia de aportar Christovam Colombo.

As tres ilhas mais importantes serão visitadas por suas majestades, actualmente na Horta. D'esta partirão para a ilha Terceira, terminando em S. Miguel sua viagem triumphal.

Fayal

N'esta formosissima ilha, cuja principal cidade, a Horta, é capital de districto, foram suas majestades recebidos com extraordinarias festas.

O porto, já por sua natureza um dos melhores dos Açores e dos mais abrigados, melhorado ainda pela construcção da doca, constitue hoje um excellente ancoradoiro podendo dar abrigo a cem navios da maior tonelagem.

Um dos mais formosos passeios da ilha do Fayal é o da celebre Caldeira, cratera extincta do vulcão. E' um dos numeros do programma da viagem d'El-rei.

De origem vulcanica, como todas as ilhas açorianas, são frequentes os tremores de terra no Fayal.

A chegada á ilha, a passagem do canal, produzem a maior e mais agradavel impressão pela belleza do panorama que se disfructa. Abrigando o porto, ergue-se isolado no Oceano, o cone regular do Pico a 2:512 metros, semeado de vinhas verdejantes na sua base, arido em seu cume, coberto de neve ás vezes, outras envolto em nevoeiros, mas bello sempre.

O Duque d'Avila e de Bolama era natural de

Horta, que, sendo elle presidente do conselho, concedeu fóros de cidade.

Terceira

E' a maior de todas as ilhas e a mais celebre na historia tragica portugueza.

N'ella falleceu Paulo da Gama, irmão mais velho de D. Vasco, quando, depois d'um dos mais gloriosos feitos da historia da humanidade, voltava á patria, onde o esperavam descanço e gloria. Pode a Terceira contar-nos os ultimos arrancos heroicos do Prior do Crato contra seu parente o poderoso Filippe II de Castella, e as dolorosas lagrimas do miseravel Affonso VI, estrebuxando n'um carcere por ordem de seu irmão, que lhe succedeu na posse da corôa e, mais dolorosamente ainda, na da mulher que fôra sua esposa. Na Terceira embarcou para o continente o Imperador do Brazil, D. Pedro I, a conquistar o throno de Portugal para sua filha D. Maria da Gloria. De quantas luctas a ilha não foi testemunha!

D. Pedro IV lá tem o seu monumento e podem os terceirenses gloriar-se do alto logar que lhes cabe nas luctas pela liberdade.

A ilha, formosa como suas irmãs, abriga um povo alegre e trabalhador, facilmente emigrando, mas voltando sempre á patria, conhecido como é o fundo amor que lhe vota.

S. Miguel

Um pouco mais pequena em aria do que a Terceira, é S. Miguel a mais rica de todas as ilhas dos Açores e aquella que contem maiores bellezas naturaes.

Ponte-Delgada, sua capital é uma das mais importantes cidades de Portugal e é notabilissimo o movimento e commercio de seu porto, que a proxima construcção do caminho de ferro ainda vai melhorar.

São celebres os seus jardins, sendo o da familia Canto dos mais notaveis de toda a Europa.

O solo é fertilissimo e accommodado ás mais diversas culturas. O milho, a batata doce e as laranjas, são seus principaes productos. Os ananazes criados em estufas formam hoje um ramo de exportação activa e constituirão brevemente mais uma fonte opulenta de riqueza.

A ilha de S. Miguel possue muitas villas importantes, taes como a Ribeira Grande e Villa Franca, cujo commercio é muito natural e que são rodeadas de riquissimas propriedades agricolas, excellentemente exploradas.

As Furnas e as Sete-Cidades são dignas de toda a attenção dos forasteiros por sua belleza natural. Nas Furnas possue o sr. Marquez da Praia uma bellissima propriedade, com maravilhosa parte de recreio. As Sete-Cidades são cantadas por todos os poetas e artistas que as visitaram, classificando-as muitos como o mais bello panorama que é na terra possivel imaginar-se.

FARO NO SECULO XI

HISTORIA DOS SEUS PRINCIPES

Constituido em 138 da Hegira (755 de J. C.), o califado de Cordova entrou em 399 (1008) n'um periodo de anarchia que era um prenuncio de morte. O espectaculo que a Hespanha arabe nos apresenta então é indescriptivel; não ha penna que narre tantos horrores, tanta carnificina! De 389 a 418 (1027), os pretendentes são tão numerosos que annos houve em que viu dois e mais subirem ao califado, e rolaram, mezes e mesmo dias apos, as suas cabeças das mãos dos algozes, que por vezes eram os que lhes iam succeder no throno. O exercito perdeu a sua unidade, o que na verdade não era difficil com elementos tão heterogeneos, e dividiu em duas facções, que os pretendentes procuravam ganhar á sua causa, a troco de todas as concessões; e assim vemos os berberes pondo-se a soldo, ora de uns, ora de outros, e os eslavos (os christãos de differentes paizes ao serviço dos califas) fazerem o mesmo: e sempre o vencido pagava com a vida e os bens a sorte adversa!

Desde que as dissenções começaram, a acção do governo central deixou de se fazer sentir nas differentes partes do imperio. Cada principe, no curto tempo que occupava o soberano poder, ou por promessas feitas, ou para garantia do futuro, distribuia os postos do imperio pelos seus validos; e se lhe obedeciam emquanto senhor, logo que outro se levantava e vencia, guardavam para si o que haviam recebido; e como as complicações eram muitas, nunca este lhes pedia contas nem tinha tempo para isso.

Entre os muitos e ephemeros califas de então, Soleimão tem para nós uma importancia muito particular. Por duas vezes senhoreou elle o poder, em 400 (1009), e de 403 (1012) a 407 (1016). Naturalmente, Soleimão, durante estas duas passagens pelo califado, gratificou os seus capitães, distribuindo por elles as alcaidarias das cidades que ainda estavam por si, ou que elle havia conguido reduzir. No numero d'esses havia um certo (Abúh Otmane Saíde) Ibne Hárune, natural de Merida, de origem obscura, pois não se lhe conhecia a geneologia, mas que os acontecimentos e a fidelidade ao soberano (ou talvez antes o seu parentesco com o vizir Adobe) puzeram sem duvida em evidencia. Soleimão para o beneficiar deu-lhe o governo de uma pequena povoação do occidente da Peninsula, cujo nome era Santa Maria, do Occidente, para assim a distinguir de Santa Maria, do Oriente, que duas eram as povoações d'este nome na Peninsula. A declaração de Ibne Bassame, seu biographo, de que se lhe não conhecia a geneologia, diz-nos logo a raça a que pertencia, pois nem um berbere e muito menos um puro arabe teria duvidas ou hesitações a tal respeito; devia ser algum convertido peninsular, que se fizera soldado, e que a sorte trouxera até alli. Era mediocre a recompensa na verdade, porque Santa Maria era uma povoação sem importancia, ao lado de Silves; mas, dada a sua obscura procedencia, talvez nem a tal podesse aspirar.

Antes de proseguirmos na nossa narrativa historica, daremos aqui uma pequena descripção da cidade, tirada de Edricí, e uma outra, de Alcazuiní. Edricí não é contemporaneo d'aquelle principe, porque a sua obra foi terminada em 1154, isto é, um seculo depois, mas não temos melhor; e depois, n'estes tempos, um seculo mais ou um seculo menos, para uma povoação sertaneja, e n'um canto da Peninsula, não faz muito ao caso. Diz Edricí: «Santa Maria, do Occidente. Esta cidade está edificada á beira-mar, e a maré cheia vem bater-lhe nos muros. É de tamanho mediano e muito bonita; possue uma mesquita cathedral, uma mesquita parochial e uma capella; a ella vêem e d'ella partem navios. A região é muito rica em figos e uvas.»

Alcazuiní, auctor do seculo XIII, diz assim: «Santa Maria é uma cidade antiga; n'ella existe uma egreja da qual disse Ahmede, filho de Omar Alodrí, que era um soberbo edificio; as suas magnificas e alvas columnas não tinham rival em nenhuma outra parte, quer pelo extraordinario comprimento, quer pela sua largura, e um homem não era capaz de abraçar a uma d'ellas. Ha n'esta cidade uma fonte que vista de longe parece induvitavelmente uma donzella, e desde que o observador se approxima e applica a vista, o não é de modo nenhum; mas, quando este se affasta de novo, torna a parecer uma donzella. É um facto bem conhecido de todos os naturaes da terra e dos que a ella vão». Iacube dá textualmente a narrativa de Alcazuiní; Abulfeda e Ibne Saíde nada dizem digno de nota e são muito laconicos.

Foi esta a capital do minusculo principado de Ibne Hárune. Não se sabe ao certo o anno em que este Ibne Hárune veiu para Santa Maria, mas deprehende-se do que diz Ibne Mozaine, pelo extracto que d'elle nos conservou Ibne Alabar, que foi proximo ou no proprio anno da morte de Soleimão, isto é, em 407 (1016); e é esta na verdade a data escolhida por Dozy para principio do seu governo. Não deve extranhar esta penuria de dados para a historia de principado de minima importancia n'um periodo tão revolto, e quando factos de outras consequencias e magnitude se davam em principados do coração da Peninsula. Afastado d'esses grandes centros e principado minusculo, mal se podia reparar n'elle; e ao lado da vida revolta de Sevilha, Cordova, Toledo, Malaga, Granada, Valencia, Denia e Saragoça, Santa Maria devia parecer uma aldeia em paz de bemaventurança. As fontes para a sua historia são, pois, como não podia deixar de ser, bem magras; e é em vão que a procuraremos nos historiadores da epoca, porque não tem cabimento no seu quadro. É n'outro genero, nas biographias, tão rico na litteratura arabe, e tão precioso pára a sua historia, que encontramos algumas noticias a seu respeito; e estes biographos são Ibne Bassame, de Santarem, e Ibne Alabar, que n'elle bebeu as suas informações. Ibne Mozaine, o filho do principe destronado de Silves, auctor de uma historia do seu tempo, segundo se julga, muito citada pelos auctores arabes, mas hoje desconhecida, alguma cousa nos diz d'elle, como se vê de Ibne Alabar, que o copiou em parte; mas, afóra estes tres escriptores, não ha, que saibamos, nada mais, a não ser referencias ligeiras, de passagem, e só no momento em que o principado vae desapparecer, englobado no reino de Sevilha, como em Ibne Caldune: é a bem dizer o esplendor do soberano d'este que a faz sair do olvido por um instante apenas.

Governou Saíde (Ibne Hárune), Santa Maria até 434 (1042) ou 435 (1043), segundo Ibne Alabar; e morrendo n'esta data, succedeu-lhe seu filho Mohámede, que tomou o sobrenome de Almotáceme. Ao mesmo tempo haviam-se constituido ao seu lado outros pequenos governos independentes, que eram no territorio hoje portuguez: Silves, governado pelos Benih Mozaine, desde 419 (1028); Mertola, por Ibne Taifur; e Badajoz, pelos Beni Alaftas (com Lisboa, Santarem, Evora e Elvas): e entre o Guadiana e o reino de Sevilha, já pois em Hespanha, os de: Huelva, governado pelos Bécridas; Niebla, pelos Beni Iahia; Arcos; e Móron; todos de pouca duração, á excepção do de Badajoz. O reino de Sevilha, sob a direcção dos Abádidas, foi alargando pouco a pouco as suas fronteiras para o sul e oeste, e annexando successivamente Mertola em 444 (1044); Silves em 436 ou 444 (1051 ou 1052) e Santa Maria em 444 (1052): e os Beni Hárune desappareceram da historia.

APPENDICE

Eis o trecho de Ibne Alabar, que é a fonte principal hoje conhecida para o principado de Santa Maria.

«Abú Aláçane, filho de Hárune. Eu li na historia de Abú Becre, filho de Iça, filho de Mozaine, que Abú Jáfar Ahmede, filho de Saíde, mais conhecido pelo nome de Adobe, vizir de Soleimão Almostraine Billah, e seu secretario particular, no tempo da guerra contra Alí, filho de Hamude, concedeu o governo de Santa Maria, do Occidente, porto de Ossonoba, junto do Oceano, a seu genro (ou cunhado) Abú Otmane Saíde, Ibne Hárune, natural de Merida. Pouco tempo depois Adobe e Soleimão foram assassinados, e Ibne Hárune ficou senhor do governo d'ella, até o anno da sua morte, isto é, 434 ou 435. Então succedeu-lhe na posse d'elle seu filho Mohámede, que, segundo parece, tomou o sobrenome de Almotáceme; em 444 veiu contra elle Abade, filho de Mohámede, isto é, Almotádide, e desthronou-o, ficando Santa Maria em seu poder, e depois no de seu filho Mohámede, filho de Abade».

A noticia que Conde dá dos Beni Hárune é extrahida de Ibne Alabar, mas elle não o percebeu. N'este auctor diz-se que Ahmede, filho de Saíde, conhecido por Adobe (em Conde Arôb) era vizir de Soleimão e parente por alliança de Ibne Hárune: Conde faz ir o vizir para Santa Maria e dá-lhe por successor o parente, cunhado ou genro, que elle chama valí de Merida.

Herculano affirma o mesmo, induzido em erro por Conde. Oliveira Martins, fallando d'este periodo agitado de pequenos reis e principes, é tambem pouco exacto. Alem de metter as Baleares, Almería e Saragoça no reino de Valencia, diz que «o Algarb mantinha uma independencia mais ou menos precaria», dando áquella palavra um sentido restricto que ella não tinha, nem o moderno Algarve estava sob o mesmo governo, como vimos.

David Lopes.

METEOROLOGIA POPOLAR

PRELIMINARES

Para podermos caracterisar um clima, é necessario estudarmos os principaes phenomenos meteorologicos que n'esse clima se observam.

A palavra *clima* é, por todos, mais ou menos conhecida. E' com effeito, frequente ouvir-se dizer que este ou aquelle ponto é salubre ou insalubre, temperado ou glacial, etc. No emtanto, achamos indispensavel dar uma definição preciza d'essa palavra para que todos nos possam comprehender.

Denominamos *clima*, ao conjuncto de *meteoros* que caracterisam um local.

O que devemos entender por *meteoros?*

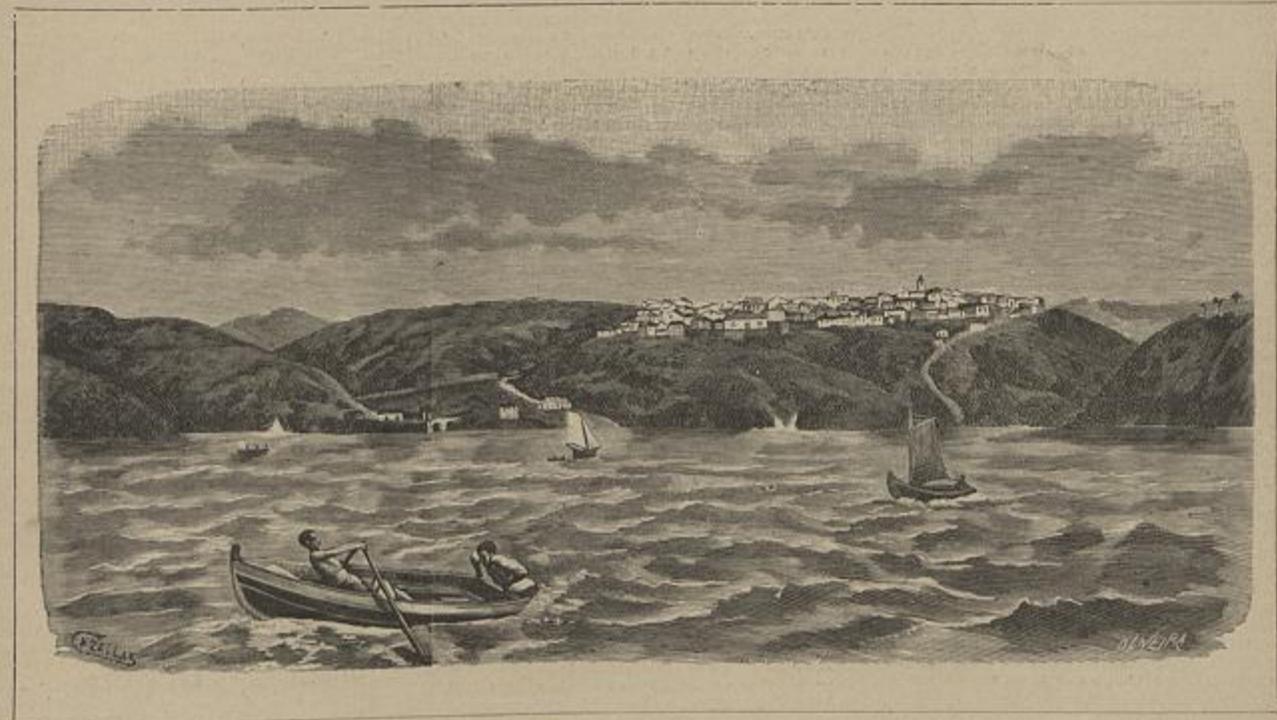
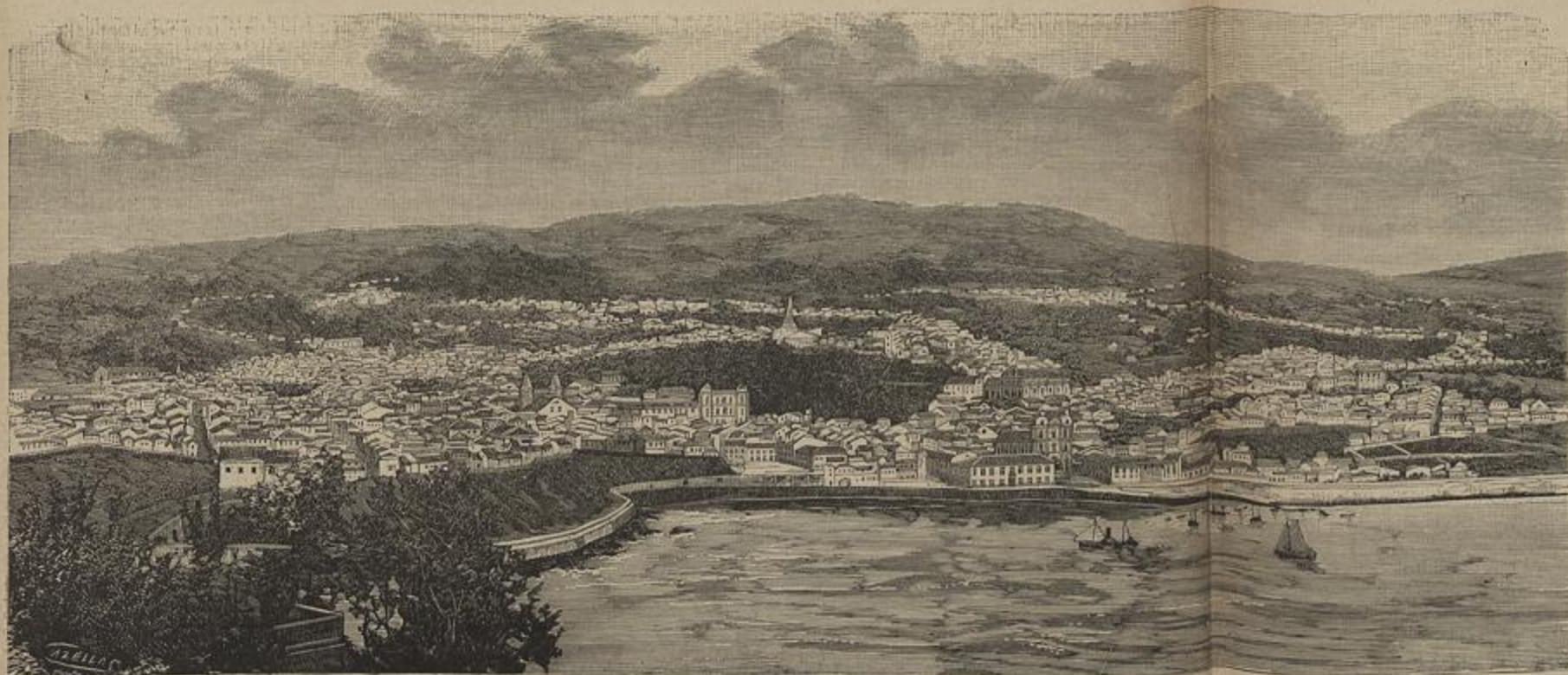
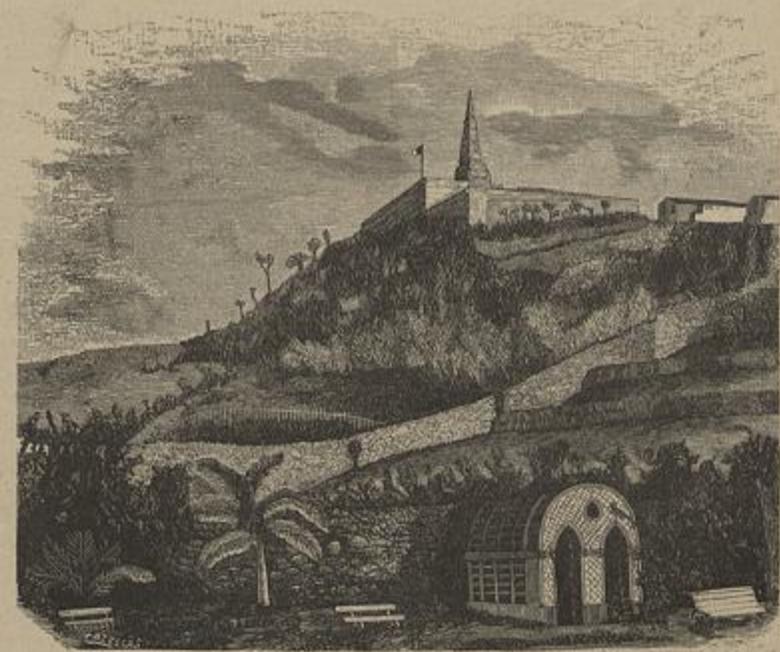
São todos os phenomenos da atmosphera.

E' necessario não confundirmos estes phenomenos com os phenomenos physicos propriamente ditos. — E' facto que todos os meteoros são phenomenos physicos, mas nem todos estes são meteoros. Assim, a capillaridade, a dissolução, etc., são phenomenos physicos, emquanto que a chuva, o raio, o trovão, etc., são phenomenos meteorologicos ou meteoros.

Varias cauzas podem modificar um clima.

1.º A *latitude.* Ninguem ignora que á maneira que nos affastemos do equador, os raios do sol

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

ANGRA DO HEROISMO — PAÇOS DO CONCELHO, NA PRAÇA DA RESTAURAÇÃO

ILHA DE SANTA MARIA

ANGRA DO HEROISMO — VISTA GERAL

ILHA TERCEIRA — MONUMENTO A D. PEDRO IV

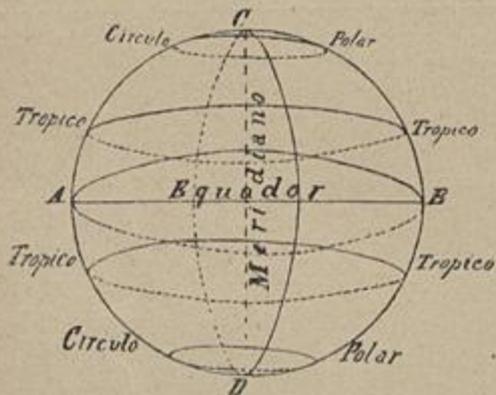
vão-se tornando cada vez mais obliquos, de modo que a terra vae successivamente resfriando á maneira que nos approximemos dos polos.—Este resfriamento está calculado em cerca de 1,° por cada 180 kilometros.—E', por conseguinte, no equador, que se observam os calores maximos, e nos polos, o frio maximo.

Se imaginarmos um circulo maximo traçado em torno do nosso globo, perpendicular ao seu eixo e passando pelo seu centro, teremos assim o globo dividido em duas partes eguaes ou *hemispherios*. — E' a este circulo que denominamos *equador*. Ao hemispherio collocado na parte superior d'esse circulo denomina-se *hemispherio austral;* ao hemispherio collocado na parte inferior d'este circulo, *hemispherio boreal*.

Denomina-se *eixo* da terra, a linha que se imagina passar pelo seu centro e em volta da qual esta gira.

Se tivermos uma laranja, e a atravessarmos com um palito, ou um arame, temos assim figurado: na laranja o nosso globo, no palito ou arame o eixo da terra.

São os dois pontos do globo atravessados pelo eixo, os dois polos.—Ao polo superior, se denomina *arctico* (derivado do grego, significando *ursa*, pelo facto de ser, n'esse hemispherio, que a constellação da *ursa* é vizivel), e ao polo inferior, *antarctico* (o que significa, opposto ao arctico).

Agóra que esplicámos o que se devia entender por equador, e polos, facilmente se comprehenderá o que vem a ser latitude de um logar. Dá-se este nome, á distancia de qualquer logar ao equador, medida em gráus calculados sobre o *meridiano*. Dividindo em 90 partes eguaes a distancia do equador acada um dos polos, a cada uma d'estas partes corresponderá, um gráu. A' latitude acima do equador, denominamos latitude norte, á latitude abaixo do equador, latitude sul. Chamamos *meridiano*, o circulo maximo perpendicular ao equador, passando, por conseguinte, pelos polos, e pelo centro da terra.

2.° *Altitude.* E' manifesta a influencia da altitude nos climas, sobretudo, no que diz respeito á temperatura e á quantidade de chuvas. A mesma latitude, poderemos observar dois ou mais climas completamente diversos. Assim, quem subir o monte Branco, ascensão que se effectua n'um dia, passará rapidamente de um clima temperado para um clima glacial. Assim a 5m,8 de altitude, a media annual da temperatura é de 5.°, a 1:000 metros é de 0,° a 3:000 metros, de 5.° abaixo de zero, a 4:000 metros, de 10.° abaixo de zero, e, por fim, a 4:800 metros, de 17.° abaixo de zero. Com relação ás chuvas, observar-se-ha o opposto, isto é, á maneira que nos elevarmos, a quantidade media annual das chuvas, torna-se maior.

O poder diathermico do ar, isto é, o deixar-se este atravessar pelos raios solares, sem quasi os absorver, o que faz com que as camadas aereas superiores resfriem mais depressa, e a *rarifacção* das mesmas camadas, são as causas principaes d'este phenomeno.

3.° *Direcção dos ventos.* Como veremos, os ventos influem muitissimo n'um dado clima. A frequencia de ventos soprando de regiões humidas, ou cercadas de agua, tornam o clima mais humido, assim como a constancia dos ventos que sopram de regiões mais seccas, tornam o clima mais secco. Como os ventos podem ainda soprar de regiões mais quentes ou mais frias, tambem a temperatura de um logar, é modificada consoante a frequencia d'esses ventos.

4.° *Proximidade dos mares.* Em geral, a proximidade dos mares tornam mais supportavel a temperatura de qualquer local, tendendo a augmental-a quando esta é demasiadamente fria e temperando-a, quando é excessivamente quente.

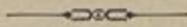
São estas as principaes causas de modificação de um clima.

Os climas classificam-se, consoante a temperatura, visto ser es e o unico meio facil de os caracterisar, pela difficuldade que ha em synthetizar todas as acções simultaneas e complexas dos restantes meteoros) em *ardentes* (se a temperatura media annual fôr de 28.° a 25.°), *quentes* (de 25.° a 20.°) *suaves* (de 20.° a 15.°) *temperados* (de 15.° a 10.°), frios (de 10.° a 5.°), glaciaes (abaixo de zero.) Em relação á temperatura, é o nosso clima, *temperado*. Ainda, referindo-nos ás differenças entre as medias estivaes e invernaes, podem classificar-se os climas, *inconstantes*, se a differença de temperatura não fôr além de 8.° *variaveis*, se esta attingir 20°, *excessivas*, se fôr superior a esta differença.

Lisboa, Paris e Londres são climas variaveis, Pekin e New-York são excessivos.

Como em geral, nas ilhas, se nota grande constancia na temperatura, tambem se denominam os climas constantes, *insulares* ou *maritimos*, e em opposição a estes, se denominam todos os outros, *continentaes*.

Dissémos que para conhecer um clima, era necessario estudar os meteoros que o caracterisavam. E' esse o estudo que vamos emprehender.

Antonio A. O. Machado.

FA SUSTENIDO

POR

Alphone Karr

XL

O Athanasio esperava pelo amo e matutava por achar um meio que o obrigasse a partir immediatamente, em vez de só se pôr a caminho pela tarde, como eram suas tenções.

Krumpholtz entrando disse-lhe :

— Athanasio, cavallos para d'aqui a meia hora e uma boa gorgeta ao postilhão, porque tenho pressa.

— Pois d'aqui a dez minutos! disse o Athanasio.

— Assim ainda o apanho, dizia comsigo o Conrado, a pensar no homem dos oculos azues e na tal cantiga.

— Assim é que ella me não apanha, dizia comsigoo Athanasio a pensar no amante que elle vira na sege de posta acabada de chegar com a actriz e o successor do Barão.

Foi á cavallariça e perguntou quantos çavallos havia.

— Oito.

— Mas quantos são os srs?

— Somos eu e o patrão.

— Não lhes bastam então dois cavallos?

— Que teem com isso, se eu pagar os oito?

— Como muito bem diz, nada temos com isso, se os pagar; mas, se outros passageiros chegarem? Teem que esperar até ámanhã.

— Pois teem, disse o Athanasio.

Os oito cavallos atrelados á sege do Barão occupavam o pateo todo.

— Que quer isto dizer? perguntou o Conrado.

— V. Ex.ª disse-me que queria que andassemos depressa.

— Estás doido! Quem já viu sege de posta assim puxada?

Mas o Athanasio bem sabia o que tinha feito; a actriz e o amante, e portanto a perseguidora d'elle, só poderiam, por falta de cavallos, metter-se a caminho no dia seguinte, quando elle tivesse vinte e quatro horas de dianteira.

— Não sei porquê, dizia comsigo o Barão, tenho quasi a certeza de que a tal cantiga do homem dos oculos azues é exactamente a cantiga que eu quero.

Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já, ao Rheno vamos já!
A vinha...

. . . .

XLI

Andam... Andam...

Mas não ha meio de darem com o homem dos oculos azues.

Parou no caminho.

Tomou por outra estrada.

Subiu para outra carruagem.

Quando o Barão vê homem d'oculos azues manda logo parar; até investiga quem são os d'oculos verdes.

Quanto mais achal-o lhe parece difficil, maior importancia dá ao sahir-se bem. Passados quatro dias dá por certo que o homem sabe da cantiga.

XLII

— Apeou-se n'esta estalagem um homem d'oculos?

— Sim, sr.

— D'oculos azues?

— Sim, sr.

— Assim baixinho?

— Exactamente.

— E onde está?

— Já se foi.

— Porque não o disse logo?

— Era perguntal-o.

— E para onde vae?

— Isso agora não sei, mas a carruagem em que se foi passou a noite a cinco leguas d'aqui.

— Toca a andar.

A carruagem faz fumo.

— Temos com certeza suas cincoenta leguas de dianteira, murmura o Athanasio contentissimo.

— Apeou-se n'esta estalagem um homem d'oculos?

— Quatro, meu sr.

— D'oculos azues?

— Um d'elles tem oculos azues.

— Assim baixinho?

— Sim, sr.

— Será possivel falar-lhe?

— Não, sr.

— Porquê?

— Deitou-se.

— Logo que elle acorde, diga-lhe que o Barão Conrado Krumpholtz lhe deseja falar.

Duas horas depois, um homemzinho d'oculos azues, entra no quarto do Barão, cumprimentando-o muito.

— Estou ás ordens do sr. Barão. Tenho ás suas ordens meias de seda e de algodão.

— Maldição! exclamou Krumpholtz. Não é elle!

— De filó, de fio d'Escocia...

— Mas porque hei de eu imaginar que no mundo ha um só homem de oculos azues?

— Brancas ou de côr; luvas e ceroilas de malha, barretinhos de seda e de algodão, camisolas de lã e de flanella, piugas de lã, ligas e suspensorios, collarinhos e camisas de chita, de linho e de Hollanda, bofes de valencianas e malines; lenços de seda e de assoar, gravatas brancas e de côr e geralmente tudo o que o sr. Barão possa desejar.

XLIII

O Krumpholtz, em meio da jornada, achou-se tão doente, que não teve remedio senão descançat uns dias.

Subira-lhe o sangue á cabeça de forma assustadora; tinha os olhos vermelhos, a cara rôxa e os beiços azues; na cabeça e nos ouvidos sentia uns zumbidos de endoidecer.

Depois as guiseiras dos cavallos e a bulha das rodas harmonisaram-se, para elle só, com o sopro do vento nas folhas novas, parecendo-lhe ouvir uma musica celeste produzida por um orgão n'uma egreja a certa distancia. A musica tornou-se mais clara.

E, d'olhos fitos, punha-se á escuta; mas á volta, na planicie extensa, não havia egreja nem casa.

Ouviu encantadoras harmonias que nunca ouvira, e n'ellas a traducção de seus pensamentos inapprehensiveis, sonhos ineffaveis que os poetas sonham nos momentos em que podem gosar da dupla vista, traducção de quanto o poeta sentiu sem poder a si mesmo exprimil-o.

Depois o orgão em mais suaves modulações poz-se a tocar:

Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já, ao Rheno vamos já!
A vinha...

. . . .

A carruagem parou. Krumpholtz deixou-se ficar d'olhos fitos, pescoço estendido, ouvindo...

O Athanasio metteu-o na cama.

Havia lá dois medicos.

Ambos concordaram que o Barão estava soffrendo d'uma febre cerebral.

Mas não concordaram sobre o tratamento.

— A EXPERIENCIA, disse um, tem-no provado que n'estes casos é preciso descanço e uma applicação de sanguesugas.

— A EXPERIENCIA, disse o outro, tem-me provado que n'estes casos é preciso sangrar immediatamente nos pés e depois um exercicio violento.

O Athanasio deu um banho de pés ao amo e continuaram a viagem aos poucos.

A carruagem com a amante do Athanasio passou-lhes adiante no caminho.

XLIV

Paris, *Monitor* do dia 17:

«Hontem passou na posta em Châlons-sur-Marne, o sr. Barão Conrado Krumpholtz, em caminho para Paris.»

XLV

Um jornal do dia 18:

«Antes d'hontem passou na posta em Châlons-sur-Marne, o sr. Barão Conrado Krumpholtz, em caminho para Paris. Dizem que este diplomata vem encarregado d'uma alta missão.»

XLVI

Outro jornal, do dia 19:

«Ha dois dias passou na posta em Châlons-sur-Marne o sr. Barão Conrado Krumpholtz, em caminho para Paris. Este diplomata, encarregado d'uma altissima missão, vai dar muito naturalmente certo impulso ao actual gabinete.

XLVII

Outro jornal, do dia 20:

«Hontem chegou pela posta a Paris o sr. Barão Conrado Krumpholtz. E' de esperar que este diplomata não queira trahir a causa da emancipação dos povos. A missão de que se acha encarregado é tal, que julgamos não dever por emquanto desvendar-lhe o misterio.»

XLVIII

Outro jornal, do dia 21:

«Chegou hontem pela posta a Paris o sr. Barão Conrado Krumpholtz. E importantissima a sua missão e tanto que se fazem altos esforços para que nada transpire. Entretanto, bem informados como sempre andamos, desvendaremos o misterio, se fôr preciso.

«É de esperar que o sr. Krumpholtz se não deixe arrastar para o campo da anarchia revolucionaria.»

XLIX

Um jornal de modas do dia 30:

«Toda a gente de bom gosto calça agora botas á Krumpholtz, imitando o diplomata allemão, cuja chegada poz em alvaroço todos os jornaes politicos.

«Houve hontem um encontro em Montmartre entre o sr. M***, redactor d'uma folha ministerial e o sr. M***, redactor d'uma folha da opposição. O motivo do duello foram uns artigos a quem ambos chamam asneira ás causas apresentadas pelo outro para a vinda a Paris do sr. Barão Conrado Krumpholtz.

«Depois de haverem trocado dois tiros de pistola, os padrinhos declararam satisfeita a honra e os dois adversarios separaram-se, dando mostras evidentes d'uma estima reciproca.»

L

Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já, ao Rheno vamos já.
A vinha...
. . . .
. . . .
A vinha...
. . . . *Ao Rheno vamos já!*
A vinha...
. . . .
A vinha...
. . . .

Mas por mais que o Conrado o dia todo cantarolasse a cantiga, fosse todas as noites á Opera, depois aos Italianos, depois á Opera-Comica e a todos os theatros em que se canta, por mais que parasse em frente de todos os realejos, descesse constantemente da carruagem, se mettesse no meio da multidão, deixando que lhe roubassem um dia o relogio, outro a bolsa, sempre havia de esbarrar n'aquelle fa sustenido.

Quanto ao Athanasio, por muitas precauções que houvesse tomado, a Branca deu com elle em Paris e exigiu o casamento. A actriz com quem viéra fóra-se, e ella não quizera deixar Paris, onde vivia d'algumas economias e da venda das pequeninas joias que possuia.

—Olha, disse-lhe o Athanasio, casar comtigo não caso. E' promessa com que pódes contar. Mas não se me dá de te ver de tempos a tempos, comtanto que o sr. Barão não dê por isso. Quando quizeres apparecer, apparece de tarde, canta ahi no pateo e eu te virei buscar.

Um dia em que Krumpholtz entrando por acaso n'um café, se entretinha a percorrer com a vista uns jornaes, ergueu os olhos e atravez dos vidros, viu as arvores do boulevard cheias de poeira a recortarem-se no céo de azul purissimo.

Suspirou.

—O que eu de melhor tinha a fazer, disse comsigo, era voltar para Ober-Wesel e tornar a vaguear pelas beiras do Rheno. O rochedo de Loreley deve ter agora um aspecto nobre o imponente. Santo Deus! como é triste nem viver nem morrer, havendo de nós uma parte que a nós mesmo sobrevive! Felizmente, continuou, mirando ao espelho as faces horrivelmente encovadas, não tardará a verdadeira morte e essa é que devéras com tudo acaba! Já não poderei então, como agora, chorar sobre o meu proprio tumulo. Quem me dera um dia, uma hora só d'essa vida que ha vinte annos vivi, uma hora das minhas crenças e dos meus sonhos, uma hora das minhas penas de então, e viesse depois a morte com a mais terrivel das agonias. Pois que é a vida? Na primeira metade ainda se não vive, na outra começa-se a morrer!

Prezo de idéas tão tristes, Conrado deixou descahir a cabeça sobre a mão e o cotovêlo sobre a mesa.

Mas em vez de pôr o cotovêlo sobre a meza, pôl-o na chicara de chocolate do visinho.

Com a praga d'este, voltou a cabeça.

—Ah! não imagina o que estimo encontral-o!

—Pois, sr., não lhe direi o mesmo.

LI

O visinho era o homem dos oculos azues.

—Nem sei dizer-lhe quanto me agrada vel-o! disse Conrado.

—O mesmo lhe diria talvez, se me não tivesse entornado todo o meu chocolate.

—N'esse caso, peço-lhe que me dê o gosto de almoçar comigo.

—Com tanto maior gosto acceito, que não sei se o dinheiro me chegará para pagar outro chocolate.

Quando acabaram o excellente almoço, disse o homem dos oculos azues:

—Quem tinha razão era***

—E que dizia esse***?

—Um dia em que devia cantar-se uma de suas operas, não havia meio de encontral o nem a partitura. Os espectadores mostravam-se impacientes. Depois de o haverem debalde procurado por muito tempo, foram dar com elle no segundo subterraneo do theatro, bebado a mais não poder ser e ressonando a somno solto. Lá o tiraram como puderam, dizendo-lhe as ultimas, e atiraram-o para um canto.

«A opera obteve um exito prodigioso. Todos applaudiam, gritavam... E' uma grande coisa um exito em theatro! não pelas causas porque é no theatro que sobretudo vemos applaudir freneticamente as obras mais lastimaveis. Grande coisa um exito em theatro! Os applausos fazem estremecer até a propria medula dos ossos!

«Infelizmente tem um homem que rir-se depois de si mesmo e dos que o applaudiram.

«O exito obtido por *** era justo e merecido; já os espectadores se tinham ido embora e ainda a sala toda vibrava com o barulho do enthusiasmo. Os cantores todos o cercavam para felicital-o.

«Que diabo! meus srs. disse elle acordando, não é a beber limonadas que se faz uma musica assim.

—O sr. é musico? perguntou o Conrado.

—Sim, sr.

—Lembra-se de quando nos encontrámos pela primeira vez?

—Pois não! disse o homem dos oculos azues algum tanto atrapalhado.

—Pois então, se faz favor, cante-me a tal cantiga que foi causa do sr. se pôr mal com a sua namorada.

—Com muito gosto, mas aqui não lh'a possa cantar. Queira vir até minha casa. Móro aqui muito perto, e será para mim um verdadeiro prazer...

O Barão estremeceu d'impaciencia. Nunca um caixeiro levára tanto tempo a fazer uma conta nem um moço se demorára assim para trazer o troco.

Quando chegou á casa o homem dos oculos azues perguntou á porteira se tinha vindo alguem procural-o. Respondeu-lhe com um tom muito agudo que não sabia.

—E cartas, tenho alguma? perguntou com muita humildade o homem dos oculos azues.

—Já não recebo nenhuma, respondeu a porteira ainda com maior azedume.

Entrou no cubiculo para que ella não se incommodasse e elle mesmo foi buscar a chave.

O homem dos oculos azues era um pobre diabo; imaginou que era artista e que tinha talento; deixára um logar aduaneiro para todo se entregar á musica e, com animo admiravel, supportava todas as angustias da pobreza, á espera que um golpe favoravel da sorte lhe evidenciasse o genio e a pessoa. A única despeza que a si mesmo concedia era a de um chocolate no café, onde lia os jornaes e vivia por instantes n'uma sociedade d'onde sua pobreza o excluia.

Infelizmente, sem genio e sem talento, como outras muitas victimas de eguaes illusões, achava-se condemnado a viver e a morrer sonhando gloria e riquezas, que nunca haviam de chegar.

A porteira é que para elle personificava a essencia do mal; falava-lhe d'alto, com despreso; e já não recebia cartas para elle, desde um dia que d'uma não pudera immediatamente pagar o porte. Já não respondia a quem vinha perguntar por elle e assim lhe fizera perder varias lições de musica que o ajudariam a viver.

Não se atrevia a queixar-se ao proprietario, porque lhe devia dois trimestes e palpitava-lhe que, tanto a queixa como a visita seriam mal recebidas.

A tyranna bafovejava-lhe que o visitante era um credor e logo o deixava subir, até quando elle dissesse que não estava para ninguem.

E não creiam que isto seja exagêro; não ha casa em Paris onde não haja um tyranno e uma victima assim.

(Continua).

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa —*Numero commemorativo do 25.º anniversario da Sociedade—Abril de 1901—Lisboa.*

Com diversas publicações e com o proximo congresso colonial tem a prestimosa Sociedade de Geographia de Lisboa celebrado o seu 25.º anniversario. Iniciou a organisação do album biographico e o dos retratos dos seus socios; distribuiu a *Relação nominal dos socios desde a fundação até 1900* e o numero especial do *Boletim*, que temos presente.

Podia a sociedade ter publicado obra mais volumosa mas nem por isso seria muito mais interessante.

N'este volume a qualidade preferiu á quantidade. Contem nove illustrações, umas composições originaes dos socios artistas e outras copias de photographias. Os artigos e documentos commemorativos são em numero de dezesete, devendo distinguir-se entre elles os seguintes, com que os seus auctores enriqueceram a bibliographia historica de Portugal:

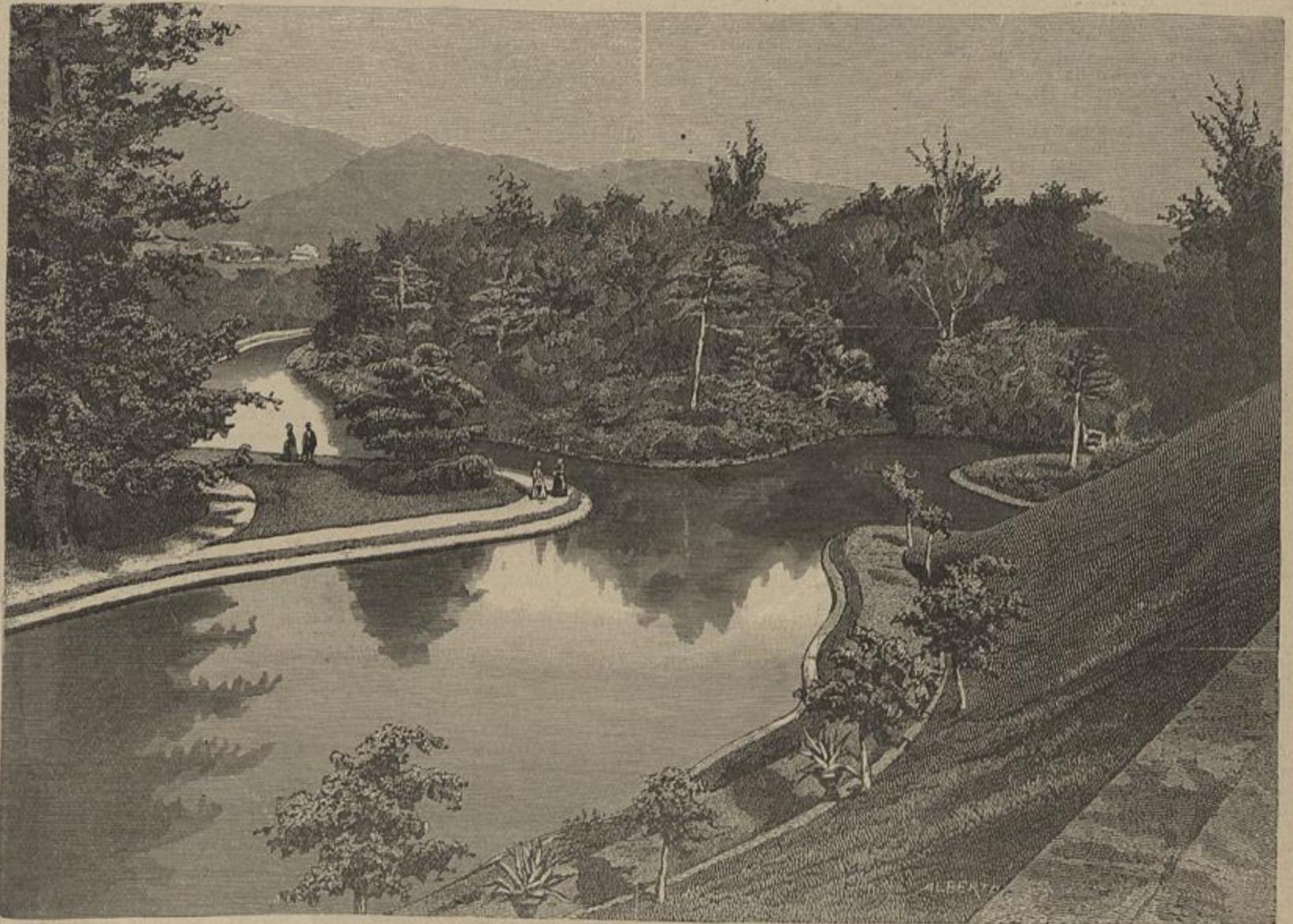
Faro no seculo XI por David Lopes;
O archivo de marinha por Gabriel Pereira;
D. Duarte de Menezes e D. Isabel de Castro por Fernandes Costa.

Ao primeiro d'estes artigos temos o prazer de o reproduzir, com a devida venia, n'outro logar do nosso periodico.

A historia do dominio mussulmano na peninsula tem merecido ao sr. David de Mello Lopes, como sabedor arabista que é, o mais carinhoso estudo. E' pois esse artigo fructo amadurecido das suas eruditas investigações e apresenta novidade e interesse.

Os restantes trabalhos insertos n'este numero do *Boletim* são dignos dos creditos já bem firmados dos seus auctores e enriquecidos com illustrações apropriadas.

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

FAYAL — EDIFICIO DO GOVERNO CIVIL E EGREJA MATRIZ DA HORTA

S. MIGUEL — PARQUE DO SR. MARQUEZ DA PRAIA E DE MONFORTE, NAS FURNAS